

## MANIFESTAÇÕES DO CORPO DISCURSIVO FEMININO NO LIVRO DIDÁTICO DE 9º ANO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Vânia Gomes Cardoso<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Universidade Federal de Goiás (UFG) Regional Jataí.*

**Resumo:** O presente trabalho busca compreender e analisar a partir da proposta em A Ordem do Discurso de Michael Foucault, manifestações do corpo a partir de um batimento visual e linguístico dentro do livro didático de Língua Portuguesa do ensino fundamental de 9º ano. Reflete-se o funcionamento discursivo do corpo em práticas sociais. O corpo e a constituição de suas identidades, no interior do arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha Francesa, notadamente, a dos postulados de Foucault (1996, 2008, 2013). O autor possibilita e determina condições para que os indivíduos possam formular seus próprios discursos, porém, respeitando as interdições que a sociedade impõe sobre o discurso de cada sujeito. Nesta presente pesquisa é proposto uma análise do livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano do ensino fundamental, voltada para os imbricamentos do corpo feminino neste livro, estes imbricamentos serão analisados por meio de poemas e imagens presentes dentro do livro de 9º ano intitulado “Português e Linguagens” de CEREJA & MAGALHÃES (2012). Nessa proposta apresenta-se a relação entre sociedade e discurso, aborda o papel da interdição na ordem do discurso que se manifesta no livro didático de português e compreende que olhar para no contexto do processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa supõe trabalhar com o movente e o heterogêneo, abrindo espaço par a análise de uma materialidade que resiste à significação. Enfim, propõe-se que além das análises sobre a presença do corpo feminino, traz como enfoque teórico os pressupostos foucaultianos sobre o corpo discursivo e as contribuições discursivas sobre o livro didático de Coracini e Gregoletto.

**Palavras-chave:** Discurso; Foucault; Livro didático; Corpo feminino.

### Introdução

Pretende-se, neste artigo, expor e analisar manifestações do corpo a partir de materialidades linguísticas presentes no Livro Didático de Português (LDP), intitulado “Português Linguagens” (CEREJA & MAGALHÃES, 2012). Para tanto, ancorar-se-á nas noções de Foucault (1996), de Coracini (1999) e de Grigoletto (1999). Consideramos relevante mencionar que para esta pesquisa, alguns questionamentos são fundamentais, como: Como ocorre a construção imaginária de sujeitos, por meio do corpo, na materialidade do LDP? Quais os imbricamentos do corpo feminino no LDP? Essas problematizações balizaram o nosso olhar frente à materialidade de dois poemas intitulados “Saudades” e “Eu em mim” presentes em um LDP do 9º ano, adotado em escolas públicas.

Foucault (1996), notadamente, busca desvendar a relação entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam, dentro deste grupo em específico, com artifícios que moldem e controlam

os discursos na sociedade e nos sujeitos, sejam de forma individual ou em sua atuação frente à sociedade. No ponto de vista do autor, o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta o poder de que queremos nos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10). Nesse sentido, lançar o olhar para o livro didático de português é relevante posto que, nele, manifestam discursos que evidenciam relações de poder para o corpo feminino no fio da história.

### **A RELAÇÃO ENTRE A SOCIEDADE E DISCURSO**

O dizer, na perspectiva foucaultiana, pode ser entendido como uma rede de signos que vem a se conectar, discursivamente, a outras tantas redes como, por exemplo, a sonora e a imagética. A língua é um sistema relativamente aberto, e que registra, estabelece e reproduz significados que (não) são esperados no interior do próprio dizer, mas resultando em valores desta sociedade que incidem sobre os sujeitos.

Nesse sentido, Foucault (1996) menciona que o discurso não é um encadeamento lógico de palavras e frases que busca um significado em si mesmo, ainda que essa estratégia seja aplicada, ele será uma ordem de muita importância funcional em que se estrutura um imaginário social. Mas o discurso deixa de ser a representação de sentidos pelo que se debate ou se luta e passa a ser ele mesmo, o objeto de desejo que se busca, dando-lhe, assim, o seu poder intrínseco de reprodução e dominação dos sujeitos na sociedade. Desta forma, delinea-se que o "discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, de leitura, de troca, e essa troca, essa leitura e essa escritura, jamais põem em jogo senão os signos, assim, pode-se dizer que o "discurso se anula assim em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante". (FOUCAULT, 1996, p.49).

Nesse sentido, as sociedades de discurso apresentam por função “conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas” (FOUCAULT, 1996, p.39). A doutrina, é uma das coisas que por sua vez (que também determina o modo como o indivíduo criará seu discurso), procura difundir seu discurso para o maior número de pessoas, contudo, “a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra mais ou menos flexível de conformidade com os discursos validados” (FOUCAULT, 1996, p.42). E finalizando, o sistema de educação que “é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. (FOUCAULT, 1996, p.44).

Para Foucault, existem diversos procedimentos que são vistos de forma a reprimir o discurso. A princípio é exposto que todo discurso é controlado pela interdição, que por sua vez, é

vista como um recurso capaz de limitar a enunciação do discurso. Mesmo no discurso existem tabus, uma vez que nem tudo que pode ser dito por qualquer pessoa, em qualquer lugar ou circunstância. Foucault (1996) pondera a política e a sexualidade como sendo os dois principais tabus presentes na sociedade e diz mais, que os discursos são marcados pela busca de desejo e de poder pelo controle daquilo que enunciam, e “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Ainda acrescenta-se que a

Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante desta existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob esta atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Supõe que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 08-09).

Há um mascaramento do sujeito de sua ilusão discursiva, de acordo com Brandão, todo discurso é resultado de outros já pronunciados em outros contextos, por atores representantes de outros papéis, o que faz o sujeito imaginar-se inédito. O que faz nos entender sobre o processo dialógico, que constitui o sujeito no mundo e faz o existir, por meio do discurso o sujeito se constitui como construtor da realidade à qual esta inserida, modificando-a e sendo modificada por ela, constituindo uma sociedade que é reflexa desses discursos.

## **O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS**

Um ponto o qual chama a atenção de estudiosos e pesquisadores em relação ao LD é a repetição de características gerais, de acordo com pesquisas, isto é o que rege esse tipo de publicação e que acaba mantendo o mercado de vendas em alta.

Mas, estes questionamentos são inquietações que dão algumas explicações, os pressupostos que tentam explicar são de que o LD é um material didático apresentado como discurso de verdade. Para tanto Foucault (1996) explica que existe um “como” do poder, poder de disseminar na sociedade os efeitos de verdade.

De acordo com Grigoletto (1999 p. 67) certamente, uma das formas de disseminação do poder decorrente da produção, circulação e funcionamento dos discursos na esfera escolar está no LD que funciona como um dos discursos de verdade. Desta forma, é possível entender o motivo das

editoras esforcem tanto em produzirem LD sempre com “novas” abordagens e tentarem sempre manterem o padrão de vendas no mercado, pois além de faturarem nas vendas, poderão faturar com a publicação de discursos que lhes interessam e que poderão beneficiar a seus interessados.

Mas o que seria um discurso verdadeiro? No ponto de vista de Grigoletto, um discurso de verdade é aquele que ilusoriamente se estabelece como um lugar de completude dos sentidos. O autor de um LD não precisa necessariamente justificar os conteúdos, pois o LD é como um espaço de sentidos fechado, conseguindo assim se impor e normalmente aceito pelo professor, o qual não questiona a metodologia ou abordagens adotadas neste ou naquele livro e também não sendo necessário se preocupar com o reconhecimento de discurso verdadeiro, pois já é conhecido desta forma, como verdade profana e verdadeira.

No cenário didático o professor é visto como usuário, pois recebe um “pacote” pronto e espera-se que o professor utilize e explore aquele material de capa a capa, assim como o aluno, sendo que na verdade o professor deveria ser um analista do LD. Na prática, o que encontramos são os professores seguindo diretrizes ditadas pelo autor e o professor como consumidor, pois os LD não permitem sequer, que o professor formule as respostas das atividades proposta, e assim, muitos nem questionam esta imposição e acaba internalizando esta prática e se tornando um acomodado com o material didático que está em uso em sua sala. Como se o professor não fosse capaz de atribuir respostas aos exercícios, o que leva o aprendizado acontecer de forma mecânica, pois, tanto os alunos quanto os professores não faz nenhuma reflexão sobre os conteúdos abordados.

Esses detalhes nos faz perceber que o LD que é dito como um objeto de verdade irrefutável, na verdade acaba sendo ilusório, pois cêrcea os sentidos e traz uma verdade que não é transparente, e é sabido por nós pesquisadores da existência de outras possibilidades de interpretação, as quais o autor do LD parece não gostar que alunos e professores descobrissem.

Por este viés de que o LD não apresentar uma verdade transparente, nos permite entender que o aluno não é concebido como um sujeito que possui a necessidade de serem informados sobre a real intenção das propostas de atividades ou mesmo textos que são apresentados no LD. E mesmo assim, com todos estes fatores expostos para todos, não é exigidas justificativas nem explicitações para que esses materiais se legitimarem no mercado, acaba abafando a voz do aluno e não permitindo que este tenha um espaço individualizado em seu discurso de aprendiz.

O que é perceptível sobre o trabalho do autor do LD é que se dizem estar preocupado em não deixar “escapar” conteúdos considerados importantes, principalmente em relação à interpretação de textos, que o autor traz para as atividades sobre o texto, questionamentos de



verificação dos fatos que foram abordados, fazendo com que o aluno tenha apenas que reproduzir as palavras ou frases. Desta maneira, percebe-se que acontece a banalização do texto literário, e passa a ser entendido como um conjunto de frases na forma de versos e que deve ser compreendido de forma literal.

O fato é, somos consumidores, o LD está disponível, ou aceitamos o que está sendo disponibilizado, ou nos tornamos talvez alienados da sociedade à qual vivemos, mas ainda assim é importante ter consciência de que tanto o professor quanto o aluno precisa explorar o material da maneira à qual a sua interpretação lhe permite e não com as palavras do editor.

Para concluir esta consideração elaborada sobre o LD, consideramos relevante apresentar algumas considerações de Gregoletto (1999, p. 75):

A economia do livro didático como um dos discursos de verdade se dá na operação com construções fixas. A repetição de uma mesma estrutura a cada unidade e a atribuição de uma determinada ordem e sequência ao ato de leitura são apresentadas como naturais, e, na maior parte dos casos, interpelam o aluno em sujeito que deve ser sempre guiado, a cada passo, por um único caminho. O papel do professor, por sua vez, deve ser de mediador entre o livro e o aluno, de modo a garantir o cumprimento das respostas do manual.

Desta forma é perceptível que o livro se torna uma espécie de exercício disciplinador e o nosso, bom e velho professor ficam como um treinador, pois o livro impõe disciplina por meio do repetir, do guiar cada passo e pela homogeneização dos sujeitos, no caso, professores e alunos.

## **ANÁLISE DE POEMAS DE UM LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO DE PORTUGUÊS**

As considerações expostas referentes ao LDP oportunizou traçar uma análise prática do que foi abordado como referencial teórico neste trabalho. Dentro do LDP do 9º ano intitulado como “Português e Linguagens” de CEREJA & MAGALHÃES (2012), foram selecionados dois poemas. Por meio destes poemas, analisaremos a forma com a qual o autor do LD propõe que estes poemas venham a serem explorados em sala de aula, permitindo perceber se o autor pretende valorizar a opinião do professor e do aluno frente aos conteúdos e se há um espaço para que seja formulado conceitos referentes ao que está sendo proposto como material didático em sala de aula.

Com estas análises, será possível entender o que Gregoletto (1999) aborda sobre o LDP e também as ponderações de Coracini (1999) em relação a esta postura dos autores de materiais de didático em nossa realidade.

O primeiro poema intitulado de “Saudades” está proposto no material didático para ser explorado com o conteúdo de “Orações Substantivas” e a proposta de atividade que é apresentada

pelo autor é que o aluno leia o poema de Elias José e identifique o sujeito do poema, após a identificação do sujeito inicia a análise sintática do poema. Os alunos, também, são instigados a identificar os versos nos quais aparecem as “coisas” as quais o eu lírico tem saudades e que faça a divisão dos trechos em orações e as classifiquem. Para concluir a parte de exploração do poema, o autor do LDP direciona a interpretação dos alunos em relação ao poema, apresentando, por exemplo, as seguintes questões: “No final do poema, o eu lírico aproxima a velhice da infância. O que você acha: Quando envelhecemos nos tornamos crianças outra vez?” (CEREJA & MAGALHÃES, 2012, p. 28). Esta é a forma que o autor propõe para que o professor explore a interpretação do texto com o aluno em sala. Diante destas inquietações, passemos ao poema para conhecer o que Elias José nos proporciona:

### **Saudades**

Tenho saudades de muitas coisas  
do meu tempo de menininha:  
sentar no colo do meu pai,  
ninar boneca sem receios,  
chorar de medo da morte da mãe,  
sonhar com festa e bolo de aniversário,  
cantar com os anjos na igreja,  
ouvir as mágicas histórias de vovó,  
brincar de pique, de corda e peteca,  
acreditar em cegonhas, fadas e bruxas  
e sobretudo no Papai Noel.  
Será que quando for velhinha,  
e já estiver caducando,  
vou viver tudo de novo?

Consideramos que, nesse poema, o sujeito se constitui a partir de um corpo utópico, de um corpo que se constitui através de uma auteridade de uma memória de algo que o sujeito não vai viver mais em sua vida, que não tem como voltar a acontecer com esse sujeito. Tal como a múmia que vence o tempo, o sujeito deseja que aquilo que viveu atravessasse o tempo, e vença o tempo, persista através do tempo, que é algo que é impossível, e é da ordem da utopia, pois o sujeito vive um sonho que não pode se materializar no mundo real.

A múmia é uma figura que vence o tempo, e o desejo de vencer o tempo é um desejo de que o corpo não pereça e viva eternamente. A múmia é um corpo que vence o tempo, a utopias de um corpo que é negado, transfigurado e mudado para vencer e persistir através do tempo. Os sujeitos que estão no poema, são sujeitos que visam vencer os limites temporais e físicos do corpo e



persistir através do tempo como, por exemplo, a múmia. O sujeito no poema não se vê no seu próprio corpo, porque evidencia práticas de sua infância, construindo o imaginário de que, enquanto criança há práticas que devem ser afirmadas nos corpos. Esse corpo da múmia é um dos corpos que conseguem vencer o tempo, assim como a imagem do cemitério, pois o cemitério também é algo que vence o tempo, pois a tumba é algo que vence o tempo, as imagens de concreto persistem o tempo e a figura da múmia é um corpo que foi enfaixado para vencer o tempo. Esses dois elementos (múmia e cemitério) persistem o tempo, porém em instâncias diferentes, a múmia é o próprio corpo transfigurado e a tumba é uma imagem que se constroem para o corpo e que as pessoas lembram-se daquele sujeito enquanto vivo e que por meio da tumba quando morto vence o tempo.

A partir dos versos “Será que quando eu for velhinha,\ e já estiver caducando,\ vou viver tudo de novo?”, percebe-se a imagem construída do sujeito que apresenta características de que é uma mulher, nos remete a acreditar que ela está lançando olhar para si mesmo em auteridade. Esse corpo que ela desvela fora de si é um corpo utópico, é um corpo como o da múmia, que ela deseja que prevaleça através do tempo, que persista.

Dentro desta aceitação do sujeito de persistir no tempo e pelo tempo, faz esse discurso utópico ser inserido na ordem das “Topologias do Corpo”, uma linha de estudos Foucaultiana. Mas o que vem a ser esta topologia do corpo? É o fato de que o corpo envelhece e que por envelhecer ele não será mais o mesmo. E o que o autor deseja apagar é o fato de que o corpo envelhece. O que mais angustia, é imaginar que nunca vai poder viver aquilo de novo, as coisas de quando ela era criança. Há uma alteridade que atinge o corpo e que o constitui e que é imanente.

É como se estivesse olhando no espelho, como se ela olhasse para si mesmo em um outro lugar. Mas que lugar seria esse? Esse lugar é a o lugar da infância dela, é o lugar onde brincava de boneca, era o lugar onde ela temia a morte da mãe, era o lugar onde ela sonhava com festas e bolo de aniversário, o local onde ela encontrava as auteridades de si mesma.

A partir deste relato sobre a infância do sujeito no poema "Saudades", de Elias José, presente no Livro Didático de português de 9º ano, é possível perceber que a memória funciona como um espelho, que possibilita ao sujeito olhar para si mesmo em outro lugar, em um outro tempo, um lugar onde ele não está mais. Por isso, que a memória funciona como uma utopia, assim é o espelho que também é uma grande utopia.

Com esta análise construída à partir do poema “Saudades”, de Elias José, é possível perceber que o autor do LDP, não abriu espaço em suas propostas de atividades para que o aluno refletisse sobre a constituição dele enquanto sujeito, sendo atravessado pelo tempo. O que se propõe

é que o aluno faça a identificação do eu lírico e classifique os períodos das coisas as quais fazia sentir saudades. Este tipo de proposta permite-nos concordar com Grigoletto (1999 p. 67) certamente, uma das formas de disseminação do poder decorrente da produção, circulação e funcionamento dos discursos na esfera escolar está no LD que funciona como um dos discursos de verdade. Mas, como já foi mencionado neste trabalho, um discurso de verdade é aquele que ilusoriamente se estabelece como um lugar de completude dos sentidos. Sabe-se, que o autor de um LD não tem a necessidade de justificar os conteúdos ali proposto, pois o LD se justifica na concretização dos saberes em sala.

Com as considerações apontadas do poema “Saudades”, partiremos para um outro poema dentro deste LDP de CEREJA (2012). O poema analisado neste momento é intitulado de “Eu em mim”. Esse poema está inserido no LDP apenas como proposta de leitura, pois ele está inserido na sessão intitulada “Ler é emoção”. Não apreço como proposta de atividade, ele está apenas para ser lido, sem apresentar propostas de interpretação que visem interpelar os alunos leitores. Vejamos o poema:

### **Eu em mim**

Enfim,  
este é o meu corpo  
flor que amadureceu.

Estalo os dedos,  
é sonho.  
Respiro fundo,  
é brisa.  
Estendo os braços,  
é asa.  
Libero as fibras,  
é voo.

Esperança resolvida,  
verso que ficou pronto.  
Meu corpo é assim.

Olho seu rosto,  
mistério.  
Ouço sua voz,  
estrangeira.  
Cheiro seu suor,  
lembranças.  
Sinto sua pele...  
sou eu!

Sou eu  
para a dor e o prazer,  
para o sabor e o saber,  
para a emoção de viver  
viagem tão companheira...  
Sou eu sim,  
sou eu assim,  
sou eu enfim  
com meu corpo  
em mim!

(Carlos Queiroz Telles. Sonhos, grilos e paixão. São Paulo: Moderna, 2003. P.22-3)

Pode-se dizer que o sujeito nesse poema toca o corpo, mas ele não o vê, mas ele sente, há pontos que constituem o sujeito que é invisível a ele, mas que, metaforicamente, pelo estabelecimento de uma miragem no espelho de forma fragmentada, isso pode lhe aparecer, como um corpo fantasma. Assim afirma Foucault “Este meu crânio, atrás do meu crânio, que posso tocar com meus dedos, mas nunca ver” (FOUCAULT, 2013, p. 11). É uma espécie de um corpo penetrável, que está sujeito às mudanças e possui sensações diferentes.

“Olho seu rosto,

misterio.  
Ouço sua voz,  
estrangeira.  
Cheiro seu suor,  
lembranças.  
Sinto sua pele...  
sou eu!”

Há uma diferença entre aquilo que o sujeito olha, toca, cheira e o que ela tem lembranças, pois são instâncias diferentes em um mesmo corpo produzindo efeitos de sentido díspares. Ela constitui esse corpo de formas diferentes, pois o espelho faz com que ela perceba uma mesma presença, porém cheia de mistérios. Ela não consegue tocar esse corpo, mas ela analisa a sua própria condição em alteridade, que apresenta diferenças em um mesmo corpo, pois se trata de um corpo complexo e penetrável, estando sujeito a mudanças que vão acontecendo com ela e nela. Mas, também, de um corpo que é aberto e que também é fechado, de acordo com FOUCAULT (2013) o corpo é uma “caverna aberta para o mundo exterior por duas janelas, duas aberturas, sei disso, pois as vejo no espelho; ademais, posso fechar uma ou outra separadamente”. No corpo, o que se abre e se fecha, por exemplo, são os olhos e a boca que são elementos que propiciam uma relação conflituosa entre o interior e o exterior. Segundo FOUCAULT,

Essas aberturas não são senão uma só paisagem, contínua, sem divisão nem corte. E dentro desta cabeça, como se passam as coisas? Elas entram lá- e estou muito seguro de que as coisas entram na minha cabeça quando eu olho, pois o sol, se for demasiado forte e me ofuscar, dilacera até o fundo do meu cérebro- e, no entanto, essas coisas que entram dentro da minha cabeça permanecem no exterior, pois vejo-as diante de mim e eu, por minha vez, devo me adiantar para alcançá-las ( FOUCAULT, 2013, p. 10).

O sujeito, evidenciado no poema “Eu em Mim”, não se reconhece em sua própria imagem, para ele o corpo é um mistério, ele se toca, mas não o compreende. Assim, abre-se a possibilidade de outras utopias, de novas possibilidades, pois se trata de um corpo complexo e que sabe que é observado e que seu corpo é um corpo visível, pois o corpo utópico é da ordem dos sentidos. Dentro destas mudanças do sujeito utópico, Foucault diz o seguinte:

Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo (FOUCAULT, 2013, p. 10-11).

O fato de ela olhar para ela mesma e constituir uma auteridade, é como se ela olhasse para a própria foto, na qual foi feita a muito tempo, e que agora no momento em que ela analisa esta

imagem, ela revivesse as lembranças daquele momento. No entanto ela se toca e não consegue reconhecer o seu próprio corpo, ela sente-se estrangeira do seu próprio corpo, mas sabe que aquela que está na memória é a mesma com a qual ela agora consegue tocar a pele e ouvir a voz, mas não consegue entender os mistérios do seu próprio corpo, o qual o espelho revela em uma forma utópica.

Consideramos relevante encaminhar as análises reiterando que, nos e a partir dos poemas analisados, há a manifestação de sentidos singulares sobre o corpo que podem e devem ser trabalhados pelos professores no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Entretanto, é preciso remarcar que trabalhos discursivos com o corpo a partir dos poemas podem passar despercebidos pelos professores e pelos alunos, na medida em que os professores tendem a trabalhar apenas as atividades que são propostas nos LDP.

### **Considerações Finais**

Ao longo deste trabalho, procurou-se analisar o sujeito discursivo a partir de dois poemas presentes no livro didático de 9º ano de Português intitulado “Português e Linguagens”. A partir dos postulados de Foucault (1996), buscou-se, compreender a emergência do corpo no Livro Didático de Português, evidenciando que interpretações outras podem ser construídas ao longo da história.

Ao analisar os poemas “Saudades” e “Eu em mim” no livro "Português e Linguagens", foi possível perceber que o autor do livro, inseriu estes poemas em partes didáticas das quais não valorizam a singularidade do corpo que os poemas podem oferecer a interpretação, pois, da forma que foram colocados, o aluno explora apenas as informações gramaticais. Enquanto que poderiam explorar a parte da interpretação, possibilitando ao aluno, formar opinião e analisar o sentimento do sujeito discursivo do poema.

A partir deste trabalho, podemos evidenciar que é possível instaurar outras práticas de interpretação e de trabalho dos textos presentes no LDP. Com isso, mostramos que o ensino pode/deve abordar questões relativas ao corpo, delineando questões contemporâneas como o medo da morte e o desejo de que o corpo vença os limites/barreiras do tempo. Consideramos relevante mencionar, ainda, que lançar o olhar para o corpo no ensino aprendizagem de Língua Portuguesa é trabalhar com o movente e o heterogêneo, abrindo espaço para a análise de uma materialidade que resiste à significação.

## Referências

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1999.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1999.

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e funcionamento discursivo no livro didático. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo : Ed Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. “Corpo Utópico”. In: **O Corpo Utópico; As Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013, p. 7-16.

BRANDÃO Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. “A análise do discurso, algumas observações” In: **Delta**, vol.2 nº1. 1986.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.